

MEMÓRIA

"Ai, Que Saudades Eu Tenho da Bahia!"

Gustavo Falcón*

Degradado nível de vida e a precariedade da moradia, convivialidade e solidariedade social em Salvador, são aqui ressaltados para assinalar o contraste da atual sociedade de classe com aquela que a precedeu e que levou autores como Donald Pierson, Thales de Azevedo e Gilberto Freire, entre outros, à produção de registros extremamente simpáticos a respeito das condições de vida e integração social na Bahia dos anos 30, 40 e 50. O avanço do capitalismo periférico desorganizou o legado anterior e colocou no seu lugar a triste realidade da periferia e do lumpem-proletariado.

Parece desnecessário repetir dados estatísticos a respeito do crescimento demográfico da RMS a partir dos anos 50. O convencional é que até aí o provincianismo da cidade era expressão de reduzidas taxas de crescimento que, por sua vez, manifestavam o marasmo econômico do pré-capitalismo baiano. De 1900 para 1950, a população de Salvador passou de pouco mais de 200 mil pessoas para cerca de 400 mil. Daí pra cá é essa loucura. Em 70, já havia aqui mais de 1 milhão de habitantes, estando, agora, em torno do dobro disso. Um terrível impacto sócio-ecológico sobre o adensamento urbano herdado do passado colonial. E um profundo choque nas relações interativas e nos valores tradicionais da formação histórica anterior.

Considerando-se a natureza periférica do capitalismo nordestino — por demais aventada por gente como Chico de Oliveira, Vilmar Faria, Sérgio Gabrielli, para citar apenas os mais conhecidos — bem como a natureza excludente das indústrias poupadoras de mão-de-obra que aqui se instalam, é de se imaginar o aumento relativo da

miséria e da pobreza numa sociedade marcada por esse tipo de desenvolvimento econômico, que moderniza e martiriza, morde e assopra, transforma ao mesmo tempo em que produz em intensidade novos bolsões de pobreza.

Interessa-nos, por enquanto, assinalar o acentuado crescimento populacional dado não pelas altas taxas de fecundidade e reduzidas taxas de mortalidade, mas, sobretudo, pelo acréscimo populacional advindo da migração. Salvador, que nunca tinha sido atração ou passagem para migrante passa a representar intraregionalmente aquilo que São Paulo sinalizou a partir dos anos 30 para os nordestinos. A natureza, os recursos naturais, o ambiente, a vida, o bairro, a rua, a morada, enfim, a população pré-instalada e seus valores tinham que ser atingidos gravemente, em decorrência da pressão terrível que resultou desse repentino amontoado de "não baianos", gente do interior do Estado que não do Recôncavo e de estados vizinhos. De um lado, os mecanismos da sociedade competitiva, como a regularidade do trabalho, a lógica contábil

capitalista e os hábitos urbanos-metropolitanos passaram a exercer as naturais pressões que classicamente exercem, desprovincianizando os valores, mercantilizando o trabalho, monetizando as relações sociais. De outro, os esquemas integrativos dos grupos agregados à população original suscitaram novo colorido sócio-comunitário ao painel tradicional da cidade do Salvador, apondo novos matizes raciais, trazendo novos projetos de integração, velhas esperanças de ascensão social, mão-de-obra barata e sem qualificação para a sociedade de classe, mitos e variantes de religiosidade popular desgarradas das ancestrais contribuições da população afro-brasileira, predominante entre a população pobre dos bairros da cidade. Predominância e hegemonia, diga-se de passagem, postas tanto pela capacidade de preservação dos valores étnicos dos grupos afrobrasileiros quanto pela fraqueza dos setores dominantes da elite, cuja vida sempre girou em torno dos interesses comerciais-mercantis desconectados do universo da produção, portanto da vida real do povo da Bahia. Boa parte dela mergulhada

* Gustavo Falcón é professor da UFPA e pesquisador do Centro de Estudos Agro-Orientais da UFPA.



na produção doméstica ou artesanal e no pequeno comércio.

Deixemos de rodeios para encarar de frente o que aqui nos interessa, embora essa questão sobre a fraqueza ideológica das elites esteja ainda a merecer uma discussão. Enquanto prevaleceu o quadro de uma sociedade "equilibrada" e provinciana (que encantou Metraux, que seduziu Verger e que foi musa de Gilberto Freyre para tantas e agradáveis referências literárias-científicas) cuja marea era a imposição da rotina e da tradição, cristalizaram-se traços fundamentalmente conservadores na psicologia social do povo. Fenômeno verificável na ideologia das elites dominantes, na sua explícita indiferença pela transformação das relações de trabalho antes dos anos 50 (só alterada pela interferência do Governo Federal), na manutenção de "ethos" provinciano e arrastado da insignificante vida urbana de seus habitantes e re-alimentado, no campo mágico-religioso, zelosos das suas origens e baluartes da tradição, sem que essa referência específica implique aqui qualquer juízo de valor.

Enfim, no que se refere ao delimitado campo do conservadorismo, parece que Salvador foi, desde a abolição até os anos 50, um exemplo inigualável de tipo sociológico característico, singular. E todas as forças, tanto às diretamente ligadas à sociedade pré-capitalista, quando as chamadas forças irracionais, para não falar da mentalidade da intelectualidade local, somaram-se para reforçar esse tradicionalismo, expressando no campo da cultura, das artes, da política e do senso comum um conjunto muito particular de valores referidos à débil base material, à corriqueira vida cotidiana de sua gente — com destaque para traços psicológicos envolventes como a brandura, docilidade, hospitalidade e o carinho — e fundamentalmente a manutenção dessa auréola de baianidade responsável pela eliminação no campo do discurso de distâncias sociais, conflitos latentes e diferenças gritantes no interior dos grupos sociais. Tudo isto posto num plano secundário face à imposição no plano da cultura desse amálgama resultante de forte contribuição popular (festas, ritos, mitos e crenças) de corte afro-

brasileiro e da apatia das elites no que se relaciona a sua capacidade de capitanear a ideologia local. Prisioneiras do mercantilismo, as chamadas classes dominantes se deixaram quedar no comércio e nos negócios, abrindo espaço para o fortalecimento da cultura popular, só desbancada recentemente de sua posição pela invasão da cultura de massa. Mais uma vez, uma força vinda de fora para dentro.

Tudo ia bem enquanto esse precário e curioso equilíbrio anulava os efeitos mais visíveis das tensões pré-capitalistas. O ingresso na sociedade de classes violenta profundamente a Bahia, isto é, Salvador e o Recôncavo, inicialmente, e numa segunda fase, a área agrícola incorporada a esse fenômeno integrativo. Não me refiro ao lugar comum da expansão urbana e aos traços ambíguos de civilidade e injustiça, tão bem refletidos nas edificações e nos aglomerados. Reporto-me aos efeitos mais profundos dessa transformação cujos reflexos serão sentidos na reelaboração dos valores, na modificação do inconsciente coletivo, nas relações cotidianas da população,

nos mecanismos de solidariedade pre-existent e no surgimento de dados alarmantes sobre criminalidade e violência. As distâncias geográficas e sociais alargadas, a competitividade de mercado instalada nos setores dinâmicos da economia, a mercantilização da moradia e dos serviços amplificadas, bem como as naturais dificuldades da vida urbana irão exercer um forte impacto degenerativo no interior dos grupos estabelecidos e guiar as ações das populações que se incorporam a esse brutal percurso de reconstrução da cidade. Tratam-se dos aspectos negativos do fenômeno urbano, agravados pelo despreparo da cidade criada em tempos outros para outras finalidades. A vertigem desse tipo de "progresso" ora volta-se contra o modo de vida anterior, ora o mercantiliza, empobrecendo-o em seu significado antropológico, transformando suas manifestações em bens comercializáveis, na indústria do turismo ou da cultura, arrebentando os padrões relacionais pre-capitalistas, e estigmatizando o baiano, um tipo invertido diverso do que um centro industrial como São Paulo costuma significar.

"Personalíssimo", exótico ou atabarrado, são reduções mesquinhas para o antigo na nova "ordem" que se instaura, produz, e reproduz-se com a força avassaladora do capital.

Esse conjunto de coisas põe no centro do debate uma invasão que se opera em todos os sentidos, inclusive no demográfico, obrigando à reelaboração do que se convencionou chamar de baianidade: — e que foi tratada de forma tão estreita por Chico de Oliveira no *Elo Perdido* — se o que restou como material de consumo pela mídia ou os elementos essencialmente populares que sobrevivem nos limites dos grupos que não foram capturados pelo processo aculturativo.

Temo que a expressão baiano não signifique mais o mesmo que significava há duas décadas atrás. E que hoje corresponda muito mais a um estereótipo, um tipo standardizado, equivalente àquilo que os estrangeiros chamam de nativos, selvagens, etc. Os fatos parecem sugerir, bem como as constantes agressões aos valores tradicionais das casas de culto afro-brasileiro, por parte de seitas e religiões messiânicas, ou

equivalentes, que um número razoável de pessoas já se abriga sob uma lógica, uma mística, uma magia que, podendo ter incorporado elementos ancestrais, já negam, conflitam e contestam as formas características do acervo de valores em que fomos socializados.

A proliferação de centros religiosos e comunitários reativos ao legado anterior, sobretudo nos bairros periféricos, que são os mais populosos e miseráveis da cidade, têm tido implicações profundas na alteração comportamental desses grandes grupos, tanto no que se refere à valorização positiva de religiões mais ajustadas à dinâmica da vida urbana competitiva, restringindo o espaço dos cultos tradicionais, quanto no que está relacionado às complexas combinações dos difíceis níveis de sobrevivência às oportunidades que se apresentam como atenuadoras ou redentoras dessa situação de grande dificuldade material. Isto tem se verificado nos pleitos eleitorais — onde o programa e a ideologia do candidato contam muito pouco —, nos níveis de articulação comunitária, bloqueando o espaço da chamada esquerda, e nas



mais variadas formas de integração com a contravenção e a criminalidade. Os dois últimos fenômenos, inexpressivos da Bahia de outrora, onde predominava a vadiagem e, no máximo, a vagabundagem, formas precursoras do lumpemproletariado de hoje. Ou subproletariado, como querem outros. Ou evidências da anomia que se abateu sobre os grupos negromestiços pós-abolição, livres do peso da escravidão mas desintegrados da nova ordem social, que na cidade mercantil de Salvador substituiu-se como um hiato, um vazio entre a formação social anterior que ruíu e a nova que não veio.

É fato que nos bairros pobres mais antigos os negros conseguem preservar à duras custas seus valores, delimitando, fundamentalmente a partir dos "terceiros", um campo étnico visível. Se bem que a pressão demográfica tenha reduzido drasticamente as áreas das antigas "roças". Eu próprio já visitei uma casa de culto, levado por um amigo pesquisador, num conjunto habitacional. Todos concordarão que é muito complicado manter os elementos estruturais do candomblé em áreas tão exíguas. E não é de espantar que esse simbolismo expresse a redução efetiva de espaço, pelo menos, para as formas mais tradicionais de prática ao culto dos Orixás.

O fato do capitalismo baiano ser excludente — Singer já mostrou que menos

de 35% dos que trabalham estão efetivamente em empresas consideradas capitalistas, e nós, numa pesquisa coordenada por Eduardo Saphira, pudemos constatar que a produção simples de mercadoria e o chamado informal ocupam mais da metade da força de trabalho desta cidade — revelou-se como elemento profundamente desestabilizador do equilíbrio anterior, incorporando restrita parcela de pessoas e submetendo a formas precárias de sobrevivência um conjunto expressivo de família que, de fora do mercado, passam a prestar serviços, trabalhos intermitentes, apoio irregular ao chamado modo de produção dominante, território privilegiado dos que estão incluídos.

Resultado: existe na cidade milhares de pessoas sub-empregadas, desempregadas, biscateiras e marginalizadas dos efeitos benéficos do crescimento econômico e do progresso social verificável na mudança do perfil das atividades produtivas, na incorporação de serviços urbanos sofisticados e equipamentos, e, principalmente, do emprego, meio através do qual se pode ter acesso a bens e serviços vendidos pelos mecanismos de mercado.

A constatação obriga uma avaliação da natureza desse progresso e outra não pode ser senão de espanto e desesperança. Os dados da Unicef sobre as crianças da Bahia são um documento inquestionável sobre a perversão deste tipo de crescimento econômico. Bem como a invasão das nos-

sas cidades pelas casas lotéricas que arrastam no seu magnetismo toda espécie de contravenção e tráfico de entorpecentes, um mobiliário visível que ocupa praticamente todas as ruas de todos os bairros modestos e pobres. A criminalidade foi incorporada ao cotidiano de nosso povo e dispensa o uso de estatísticas e dados secundários, para se fazer presente.

Enfim, Salvador não apenas mudou, mas mudou para muito pior. Os traços harmoniosos de sua arquitetura, que para alguns estudiosos se projetaram sobre relações sociais, atenuando até mesmo possíveis conflitos raciais entre negros e brancos, cederam lugar a proliferação de submoradias e conjuntos invadidos por um exército de mal-remunerados, cuja luta pela vida arrebatou os cristais da tradição, da cordialidade, gentileza e hospitalidade gestados na passagem da sociedade escravista para a velha Bahia do começo deste século.

Estamos mergulhados numa cidade terciomundista e sitiados pelo aprofundamento desses padrões degenerativos que o Poder Público não pode reverter, perplexos — ele e nós — diante da violentação da velha cidade de Salvador da Bahia, hoje correspondente apenas a 1/4 do adensamento urbano favelado existente.

É difícil esconder a decepção com o presente. Mas, quem sabe, não resulte disso a construção de uma nova humanidade...

